

Revolução e Democracia (1964...)

Revolution and Democracy

Resenha

FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As Esquerdas no Brasil; v.3)

Luciana Verônica da Silva*

Resenha recebida e aprovada em outubro de 2008

Esquerda e direita. Em política, um conjunto de forças antagônicas identificadas cada uma, com um conjunto de valores, ideologias, formas de ação e pensamento, responsáveis pelo equilíbrio do jogo político em um ambiente democrático, mas não somente. No Brasil durante as últimas décadas, os estudos sobre os movimentos, grupos ou partidos de esquerda tornaram-se bastante profícuos. É o caso de “As Esquerdas no Brasil”, obra no plural, abrangente como a acepção de Norberto Bobbio segundo a qual “de esquerda” são as forças e lideranças animadas por ideais de igualdade. Definição à qual os autores-organizadores Jorge Ferreira e Daniel Aarão Reis Filho acrescentam o forte viés crítico aos valores do liberalismo econômico, como fonte da desigualdade. Através da compilação de textos originais de autores diversos, nos quais estão incluídos, perpassam todo o período republicano, analisando as formas pelas quais a esquerda se apresentou na sociedade brasileira. Suas formas de ação ou inação, suas mutações, seus principais expoentes, suas contribuições para a construção da agenda democrática no Brasil.

Em “A Formação das Tradições (1889 -1945)” primeiro volume da série, estão reunidos textos que tratam dos primeiros movimentos e partidos políticos que procuraram organizar os trabalhadores e também formular uma imagem positiva do trabalho e do trabalhador até a Revolução de 1930 e as organizações que atuaram neste período. O segundo volume “Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)”

* Mestranda do Curso de Pós-Graduação em História da UFJF

enfoca o período democrático, quando as esquerdas apresentaram várias propostas de reforma da sociedade ou de construção de novas alternativas. As abordagens sobre as esquerdas, a ditadura civil-militar e os desafios do tempo presente estão expostas no terceiro volume, intitulado “Revolução e Democracia (1964...)”, este, nosso objeto de estudo para esta resenha.

No terceiro volume os autores analisam vários movimentos, atores e partidos que, definidos e aceitos como de esquerda, desempenharam um papel relevante, seja na radicalização dos movimentos armados durante a ditadura ou através de movimentos sustentados pela Igreja Católica como as Comunidades Eclesiais de Base, CEBs. Assim como nos outros volumes, cada capítulo foi produzido a convite dos organizadores, por professores doutores que atuam em universidades e centros de pesquisas reconhecidos nacionalmente. Dividido em duas partes (“As esquerdas e a ditadura civil-militar” e “As esquerdas e os desafios do tempo presente”) e possuindo vinte e seis capítulos, em volumosas setecentas páginas, o livro à primeira vista é desafiador. Mas em cada capítulo, a mudança do tom, do tema, do personagem, transforma a leitura em um mergulho no ambiente das esquerdas no Brasil, suas diferenças ideológicas, suas variadas formas de ação e, principalmente, suas diferenças temporais. Sim, porque, muito claramente, é possível perceber a, muitas vezes sutil, mas às vezes gritante diferença entre a esquerda guiada pelo trabalhismo ou pelas idéias comunistas anteriores ao golpe, a esquerda militante, guerrilheira, armada, revolucionária ou camuflada no MDB da ditadura e finalmente, a esquerda democrática, fragilizada pela crise do socialismo real e pela falência do sistema soviético, que tenta se erguer em finais da década de 70 e que vê no Partido dos Trabalhadores dos anos 80 a esperança de uma nova forma de ser, não mais tão ideológica e cada vez mais apegada à dinâmica eleitoral.

Após uma didática e pertinente apresentação do volume feita pelos autores, inicia-se a primeira parte com o capítulo de Marcelo Ridenti, que se atém ao estudo das esquerdas revolucionárias armadas das décadas de 1960 e 1970. O autor situa a gênese do movimento armado na crítica que, a partir de finais da década de 50 e principalmente após o golpe, é feita aos movimentos e partidos de esquerda de então, como PCB (Partido Comunista Brasileiro), PCdoB (Partido Comunista do Brasil), AP (Ação Popular), Polop (Organização Revolucionária Marxista – Política Operária) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Acusadas de imobilismo, essas organizações assistiram a formação de diversos grupos guerrilheiros a partir de suas fileiras, muitos motivados pelo sucesso das campanhas em Cuba, no Vietnã e na Nicarágua.

Fortemente reprimidos, os guerrilheiros foram, em sua maioria, mortos pelos órgãos de segurança nacional.

Os Capítulos seguintes detêm-se no estudo da trajetória dos principais grupos de esquerda dos anos 60. É o caso da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária / ORM-Polop, da Ação Popular, do Movimento Revolucionário 8 de Outubro, dos grupos trotskistas, do PCdoB e do movimento estudantil. Polop, AP e MR8 surgem no início da década de 60 como alternativa política ao PTB e à predominância do PCB no âmbito das esquerdas. Com propostas de ação diferenciadas, passariam anos discutindo ideologias dominantes em suas condutas e a opção pela luta armada. Durante a redemocratização Polop e AP passariam a integrar o recém-criado Partido dos Trabalhadores e o MR8 se alinharia ao PMDB. Os grupos trotskistas tinham como orientação o texto de fundação da IV Internacional “A agonia do capitalismo ou as Tarefas da IV Internacional” escrito por Leon Trotski e no Brasil foram formados por ex-militantes do PCB. Em 1953 fundaram o Partido Operário Revolucionário (POR) que passaria por diversos processos de divisão interna e formação de dissidências. Estes grupos iriam, na década de 80, incorporar-se, como outros, ao PT.

Jean Rodrigues Sales conduz o estudo do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) da luta armada ao governo Lula, iniciando pela polêmica de suas origens, passando pelo esforço do partido ao longo dos anos de inscrever-se como a continuação do Partido Comunista fundado em 1922 e pela luta na região do Araguaia, que resistiu por longos dois anos até a eliminação de todos os militantes em 1974. Após discutir bastante sua identidade partidária, o PCdoB passou a ter relativa importância para os sindicatos e estudantes, participando das coligações que apoiaram a candidatura de Lula em 1989, 1994, 1998 e na vitória da eleição presidencial de 2002.

O estudo do movimento estudantil dos anos 1960 feito por João Roberto Martins Filho procurou fugir da mistificação do movimento pelas grandes manifestações de 1968, mostrando sua força na reconstrução de suas entidades estudantis após o golpe e na evolução da luta contra a violência ditatorial.

Uma saída voluntária, ou mesmo compulsória, encontrada por muitos militantes, era o exílio, e sobre esta experiência o capítulo “Memórias no exílio, memórias do exílio” poeticamente escrito por Denise Rollemberg, salienta as diferenças no perfil dos exilados, no país de exílio, na experiência coletiva, mas também individual. A volta, a incômoda sensação de exilado em seu próprio país, as esperanças trazidas com o retorno.

A esquerda revolucionária da década de 60 e meados da década de 70 vai aos poucos cedendo lugar para o discurso democrático. Anteriormente classificada como um valor burguês, a democracia passa a ser almejada como um ideal possível, em finais da década de 70. No capítulo “Breve história do ‘comunismo democrático’ no Brasil”, de Maria Alice Rezende de Carvalho, é possível começar a perceber a mudança de valores que afeta a oposição e a esquerda. O artigo trata de uma perspectiva política caracterizada pela valorização da democracia como via de transformação social. Os capítulos seguintes completam a exposição dessa metamorfose. Seguidos por um capítulo sobre o movimento feminista e sua contribuição para os movimentos de esquerda do período.

O texto de Rodrigo Patto de Sá Motta, “O MDB e as esquerdas”, ao explorar o desconfiado relacionamento do MDB com os movimentos de esquerda, mostra como, um partido criado pelo regime e sem raízes na sociedade pôde congregar nos anos finais da ditadura, diferentes atores da esquerda, antes desconfiados e com relações não tão claras com o partido.

Sobre o Cristianismo da Libertação” Michael Lowy, aborda o processo através do qual, surge no interior na igreja uma corrente de pensamento que deixa de considerar o pobre como objeto de proteção ou caridade para passar a considerá-lo sujeito de sua própria libertação. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) seriam o grande braço do movimento, assim como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC).

O capítulo “Lutas democráticas contra a ditadura”, de Maria Paula Nascimento Araújo, fecha a reflexão sobre esse movimento de mudança ideológica no âmbito das esquerdas. As derrotas da luta armada, em um primeiro momento, e a crise do socialismo real forçam-nas a uma autocrítica que desemboca na opção democrática. Ao estudar a atuação das esquerdas nas décadas de 1970 e 1980, a autora procura caracterizar o período como um momento de luta democrática em oposição ao período anterior. Enfoca diversos movimentos e grupos, suas formas de atuação, a luta pela anistia, e o novo cenário da esquerda após retomada da democracia.

Neste ínterim, capítulos dedicados a Carlos Mariguela, Carlos Lamarca, Luiz Carlos Prestes e Leila Diniz, personificam o que representou a luta destes movimentos através do estudo da trajetória desses personagens. Tomados como representativos de um período seja por sua militância, por sua longevidade na cena política ou pela idéia de revolução simbólica, que têm em Leila Diniz o símbolo da mulher revolucionária da década de 60.

A segunda parte do livro dá bem o tom da mudança pela qual passou as esquerdas em todo o mundo, abaladas pela crise do socialismo real, assistindo a escalada do capitalismo e dos valores liberais que tanto combatiam. Não apresenta a mesma unidade da primeira parte, talvez pela própria diversificação do que se convencionou chamar de esquerda. O capítulo que a inicia, de Marcelo Ayres Camurça, analisa as trajetórias de Leonardo Boff e Frei Betto, expoentes da Teologia da Libertação no Brasil, que durante a década de 80 possuiu grande força com a atuação das Comunidades Eclesiais de Base, mas que definiu durante a década de 90, por pressões da própria Igreja, mas também pela falência de um modelo-objetivo que a guiava. “Diretas-Já: vozes da cidade” não difere muito de outros apaixonados artigos sobre o tema das Diretas, descrevendo a forma como as esquerdas uniram-se em torno do lema, as crescentes mobilizações, porém sem perder o caráter crítico, a derrota, a revisão.

A formação dos partidos políticos após a extinção do bipartidarismo no final da década de 70 obedeceu a um padrão de articulação de interesses, valores e personagens, alguns evocando os feitos do passado, outros os projetos para o futuro. É este o caso dos dois partidos em destaque na segunda parte do volume, o PDT de Leonel Brizola e o PT de Lula, que possuem capítulos a eles dedicados. Um atrelado ao trabalhismo, evocando do antigo PTB seus pontos mais positivos, pregando a defesa dos excluídos e da riqueza nacional e tendo no político uma vez exilado seu grande personagem. Ao PT convergiram as grandes forças e tendências de esquerda, apoiados no peso do movimento operário das décadas de 70 e 80 e na figura do metalúrgico Luiz Inácio da Silva, fora aclamado como um partido novo, distante de tudo o que representava a forma de fazer política no Brasil. Ademais sua importância, os juízos e expectativas feitos quando de sua fundação, podem ser vistos como exagerados em retrospecto.

Compõem a nova esquerda, grupos como o MST, o Movimento Negro e a CUT. O primeiro com origem nas Ligas Camponesas e na Pastoral da Terra das décadas de 40 e 50, formado como mediador para a questão da reforma agrária, passou por um intenso processo de diversificação interna que aliado à ausência de mecanismos formais de filiação vêm criando tensões e problemas para o movimento. A discussão em torno do movimento negro contemporâneo perpassa reflexões sobre o caráter do preconceito no Brasil, e por isso o diferencia do movimento negro anterior a 1970, ainda atrelado ao “mito da democracia racial”. É marcado pela criação de diversas entidades em várias cidades do Brasil que trabalham pela valorização da cultura negra e pela luta em

torno da criação de mecanismos legais de inserção do negro na sociedade, como a política de cotas. Destaque para a figura de Lélia Gonzalez, militante, política e intelectual representativa do movimento negro brasileiro. A Central Única dos Trabalhadores fruto do novo sindicalismo, movimento que na década de 70 congregou militantes de diversos setores da sociedade reivindicando liberdade e autonomia sindical colecionou desde sua fundação através do I Conclat (Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras) em 1983, diversas vitórias até meados da década de 90, quando a inserção do país na economia globalizada desencadeou diversas mudanças no comportamento dos industriais e da economia, afetando diretamente os trabalhadores.

Os organizadores ao optarem por assuntos específicos definiram bem a condução dessa trajetória. Possivelmente muitos outros assuntos, grupos e personagens ficaram de fora, mas, ao menos este terceiro volume de “As esquerdas no Brasil” parece ter um propósito bem definido: marcar as mudanças. Sublinhar os processos, às vezes tão dolorosos, de revisão ideológica e tática. Ao fazerem isso as esquerdas ampliaram ainda mais seu campo de ação e deixaram um legado romantizado de lutas e de sonhos, muitos ainda a serem alcançados.